

Portfólio
Rodrigo Seles

rodrigoseles.com
@r.selesart
11 959639888



Rodrigo Seles, *Ave Labor - Caderno de Artista*, 2023.
Guache e lápis de cor sobre papel.
20 folhas - 42 x 60 cm (aberto)

vídeo do caderno folheado:
<https://youtu.be/wS7mS4fbmeU>

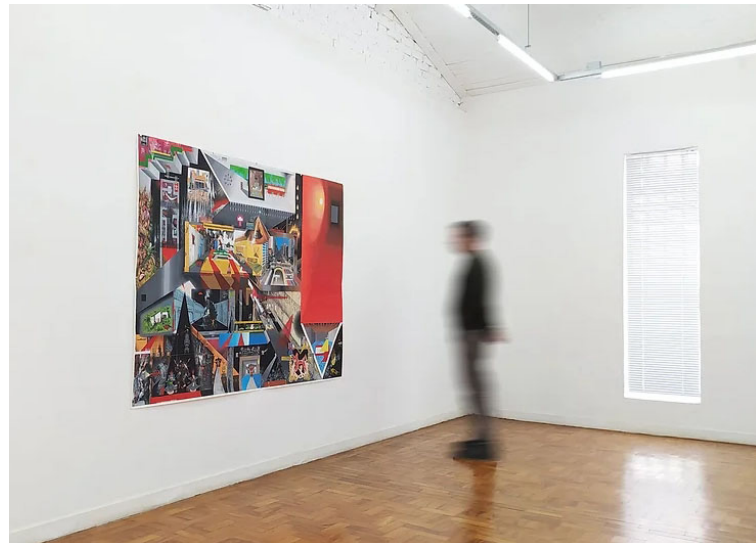


Rodrigo Seles, *Ave Labor - Caderno de Artista*, 2023.
Guache e lápis de cor sobre papel.
20 folhas - 42 x 60 cm (aberto)
(detalhe)

vídeo do caderno folheado:
<https://youtu.be/wS7mS4fbmeU>



Rodrigo Seles, *Libitina*, 2023. Guache sobre papel, 150 x 220 cm



(detalhes)

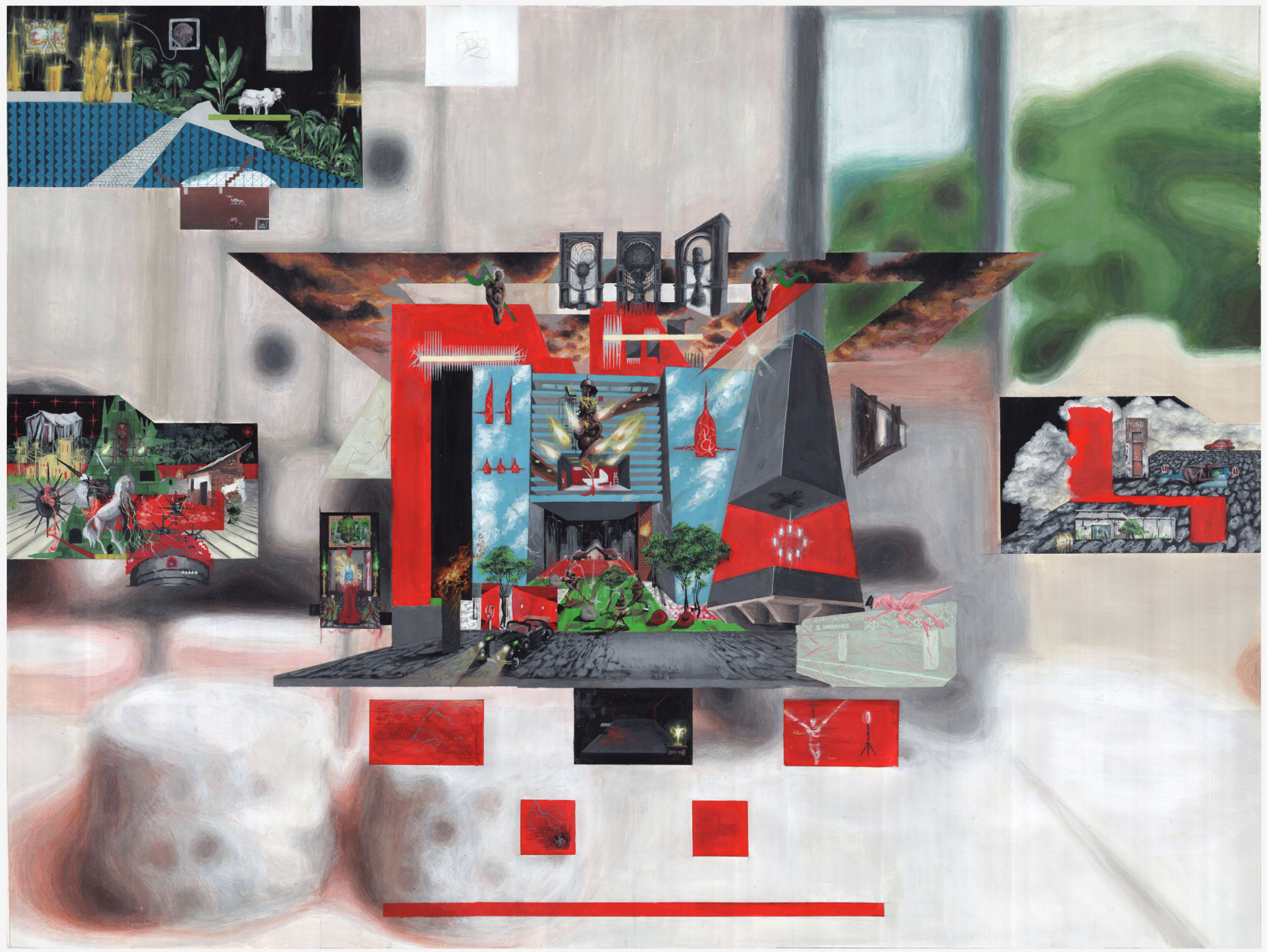
Rodrigo Seles, *Libitina*, 2023. Guache sobre papel, 150 x 220 cm



Rodrigo Seles, *Nazi Bazi Crase*, 2022. Guache sobre papel, 75 x 75 cm



Rodrigo Seles, *A Besta do Trabalho*, 2022. Guache sobre papel, 75 x 75 cm



Rodrigo Seles, *Forte Estrela*, 2023. Lápis de cor e guache sobre papel, 106 x 140 cm



(detalhes)

Rodrigo Seles, *Forte Estrela*, 2023. Lápis de cor e guache sobre papel, 106 x 140 cm



Rodrigo Seles, *Indiscrições Terreas* - *Caderno de Artista*, 2021.

Guache, lápis de cor, canetas esferográficas, canetas ponta de feltro e canetas nanquim sobre papel.

49 folhas - 31 x 47,5 cm (aberto)

vídeo do caderno folheado:

https://www.youtube.com/watch?v=y_CsCwym3cl



Rodrigo Seles, *Indiscrições Terrestres - Caderno de Artista*, 2021.

Guache, lápis de cor, canetas esferográficas, canetas ponta de feltro e canetas nanquim sobre papel.

49 folhas - 31 x 47,5 cm (aberto)

(detalhe)

vídeo do caderno folheado:

https://www.youtube.com/watch?v=y_CsCwym3cl



Rodrigo Seles, *Mofina*, 2022. Vídeo, 1080x1920px, 46seg

link para o filme:

https://mega.nz/file/r1J31BQT#jjR5Nu-3aLkoT8_CYhGZZuvzXNxxkBi3jGpAX-hhUfj4



Rodrigo Seles, *3,5 bilhões*, 2022. Guache sobre papel, 110 x 75 cm



Rodrigo Seles, *Becos Cegantes*, 2022. Guache sobre papel, 75 x 110 cm



Rodrigo Seles, *Noite*, 2021. Guache sobre papel, 42 x 29,7 cm



Rodrigo Seles, *Prece Quântica*, 2021. Guache sobre papel, 29,7 x 42 cm



Rodrigo Seles, *Medinho*, 2017. Guache sobre papel, 30 x 40 cm



Rodrigo Seles, *Casa e Labirinto*, 2016. Guache sobre papel, 29,7 x 42 cm

Statment

Através da investigação de personagens, símbolos e ícones que transitam por zonas oníricas e quiméricas, meu trabalho busca explorar narrativas do cotidiano com um olhar peculiar sobre a relação entre o sofrimento nas grandes cidades e o mundo laboral e religioso.

Influenciado pela arte medieval primitiva e pelas mídias digitais, especialmente os jogos eletrônicos das décadas de 80 e 90, utilizo suas compartimentações e interconexões de espaços geométricos como inspiração para criar cenários e símbolos que são palco das narrativas.

Meu principal meio de produção é o desenho e a pintura tradicional, com o guache sobre papel e materiais semelhantes sendo meus meios favoritos, além da produção de vídeos.

De olhos bem fechados

Texto pelo curador Mario Gioia

Na zona em que o irracional, o fantástico e o onírico se entrecruzam e o real parece se deslocar de uma mirada severa e seca e, elementos unidos como num amálgama pouco claro, tudo parece ganhar um tom de horror contemporâneo, se inscreve com força a obra visual de Rodrigo Seles. Como um artista do hoje, não prescinde de utilizar referências em que o tecnológico parece cada vez mais distante de uma utopia positiva e mais perto de uma distopia obscura.

Ao mesmo tempo, os conceitos vanguardistas do surrealismo apregoados quase um século atrás, com sua renovação de formas, métodos e temáticas, ecoam imbuídos de novas roupagens, assim como bestiários medievais são mixados a criações similares de agora, dos RPGs (que necessitam da adesão coletiva na formulação de novas narrativas) aos jogos eletrônicos (em especial ao insolúvel conflito sempre presente de anacrônico/obsoleto x atual/inédito/novidadeiro), entre outros vetores poéticos.

“Reunidos ali, encontrei elementos de figuração tão distantes que o próprio absurdo dessa reunião provocou em mim uma súbita intensificação das faculdades visionárias e fez nascer uma sucessão alucinante de imagens contraditórias, imagens duplas, triplas e múltiplas que se sobrepunham umas às outras com a persistência e a rapidez próprias das recordações amorosas e das visões do meio-sono”¹, escrevia Max Ernst (1891-1976) já em 1936, cuja descrição poderia caber perfeitamente acerca da numerosa produção de Seles. O movimento artístico tem cada vez a pertinência mais esmiuçada, como na grande exposição *Surrealism beyond borders*, no Met, em Nova York, e na Tate Modern, em Londres – neste museu até agosto de 2022 -, e na 59ª Bienal de Veneza, sob o tema *The milk of dreams*, que se refere a livro de Leonora Carrington (1917-2011), artista britânica que viveu no México e ainda não ganhou o reconhecimento que merece.

É relevante destacar que, em termos plásticos, os trabalhos do artista paulista são marcados por particularidades que o fazem sobressair em relação aos seus pares em atividade. Com formação em design, a opção pelo guache sobre papel e a volumosa realização na escala da folha A3 – 42 cm x 29,7 cm – forjam um corpus de obra bastante distinto. O fato dele residir em sua cidade natal, Mirassol (a cerca de 450 km da capital do Estado), também pode ter ajudado em um certo e benéfico caráter insular, reforçando a fidelidade a um estilo específico e em desenvolvimento – apesar da presença em exposições convocadas por editais públicos e coletivas da galeria que o representa atualmente, a jovem Lona.

Também é importante frisar que o lado pictórico de Seles vem ganhando mais dimensão e técnicas e materiais outros, quando emprega acrílica sobre a tela como superfície, em escalas mais ambiciosas. Assim, obras como *Festa no céu* (129 cm x 68,5 cm), *Jogo dos brilhaolhos* (147 cm x 271 cm) e *Parque* (125 cm x 69,5 cm), todas de 2020, ganham luz e agregam novos dados sobre a produção.

O apuro crescente na construção das cenas capturadas pelo pincel de Seles é bastante claro. Se nos depararmos com trabalhos como *Casa*

e Labirinto, ambos de 2016, Medinho (2017) e Churras (2018), podemos atestar o foco em poucas figuras e desdobramentos plásticos mais planos. As figuras arroxeadas dos primeiros dois citados, por exemplo, terão protagonismo mais à frente, mas em panoramas bem mais rebuscados e com riqueza de detalhes.

Mais recentemente, além das pinturas maiores, peças gráficas como Contraído e frio e Contraído e quente, de 2020, e Vencedores e Ícone do êxito, de 2021, apontam um pensamento de colagem na concepção e no fazer. Marcadamente gráfico também é o caderno de artista Indiscrições terreares, apresentado em coletiva apenas com peças do tipo no Anexo Lona, em 2021. Utilizando para além do guache canetas variadas, nanquim e lápis de cor, o formato banal de um caderno escolar forja a criação de uma espécie de HQ que coaduna lisergia e tecnologia de baixo orçamento, numa sucessão de cenas plásticas bastante inventivas e, ao mesmo tempo, despojadas. Num fazer mais sedimentado, é como se o protagonismo das anteriores figuras expressionistas não conseguisse achar presença e respiro nos tempos atravancados, multifacetados e infodêmicos de agora, restando o desmanche, o esfarelamento, a fragmentação.

Se a catatonia e a perplexidade patentes nessas personas antes mais donas dos próprios destinos podem alertar para um determinado estado de anomia, deve-se realçar que a arte – mesmo em dias agonizantes, anti-intelectuais e obscurantistas – ainda tem o papel de farol nessa iluminação do caos acumulado, do cotidiano mais performatizado, da virtualização das relações pessoais, entre tantos dados do presente.

Assim, esses seres híbridos, de estruturas alienígenas, em meio a reflexos distorcidos e fluxos intermináveis de tudo o que se move, a exhibir cores de Pantones artificiais, múltiplos e não originais, conseguem manifestar mais do que nunca sua pulsão vital. Mesmo que escorrendo por ambientes imersivos e simulados, em condições adversas de existência, em cenários não desenhados por eles mesmos. E assim mesmo persistem, entre dourados de iluminuras e renderizações não congruentes, Van Eyck e Aleksandra Waliszewska, A Demanda do Santo Graal e Matrix, Biblioteca de Alexandria e deep web.

Mario Gioia, janeiro de 2022

1. CHIPP, H.B. Teorias da Arte Moderna. Martins Fontes, São Paulo, 1993, p. 433